

O Menino dos meninos





O Presépio apela à reflexão contemplativa, une à sua volta, congrega. E, como seria irrecusável pela força que projecta, convida os artistas à criação. Fruto das diversas e riquíssimas interpretações feitas, a arte portuguesa ficou recheada de significativas obras. Aqui, em Coimbra, não é difícil encontrar várias das mais consideradas. O difícil será escolher entre todas as que se descobrem. E, depois, distinguir os pormenores, prestar atenção à forma como em cada Presépio se acrescentaram as figuras, como se desenharam, como se vestiram, o que representavam, como lhes era moldada a expressão e a alma. Neste sentido, os Presépios passaram também a ser uma representação da sociedade em cada momento histórico. Mas é a celebração popular do Natal que reafirma a tradição do Presépio. Mais do que qualquer intenção subjacente elaborada ao longo dos séculos, ela resulta da evocação da Família. Ou seja, da evocação da Divina Família como espelho no qual se reflecte a imagem de cada uma de quantas se reúnem nesse tempo. No centro de tudo, a Natividade apela ao nascer de novo em cada dia, ao valor da vida. Eis como tão significativamente se conjugam valores, sentimentos e expressão artística. Esse é o segredo do Presépio.

Carlos Encarnação
Presidente da Câmara Municipal de Coimbra

O Menino dos Meninos é um projecto do Museu Nacional de Machado de Castro que tem já alguma história. Levada ao público, pela primeira vez, no próprio Museu, em 2002, havia esta exposição de ser redesenhada para o Natal de 2006, no Museu do Canteiro, em Alcains. A colecção de escultura do MNMC oferece-se — em diversos casos com assinalável qualidade plástica — à ilustração da temática bíblica patente no Presépio, desde o século XVI até ao século XVIII. A contemplação do Menino tal como, há oito séculos quase, S. Francisco a entendeu é inerente a esta mostra, na medida em que faz parte de uma tradição viva entre nós.

Este ano temos a felicidade de poder apresentar no antigo convento franciscano de Coimbra, uma nova versão d'O Menino dos Meninos, desta vez enriquecida com algumas peças gentilmente emprestadas pelo Museu da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva e beneficiando de um cenário que evoca a memória e o esquecimento a que o lugar foi alternadamente votado, num ciclo tão incessante quanto o da vida que, por esta altura, simbolicamente renasce no mais extraordinário dos meninos alguma vez de nós conhecido. Festejar deste modo o Natal só pôde tornar-se realidade graças ao empenhamento incondicional da edilidade de Coimbra e da sua Empresa Municipal de Turismo.

Pedro Redol
Director do MNMC





Ele é o divino que sorri e que brinca

Ele é a Eterna criança, o deus que faltava.
Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e que brinca.
E por isso é que eu sei com toda a certeza
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.

E a criança tão humana que é divina.
(...)

Alberto Caeiro

A designação MENINO JESUS remete para a imagem de Cristo na sua infância, aos seus doze primeiros anos de vida, sobre os quais pouco ou nada se sabe. A denominada “vida oculta” de Cristo tem início no ciclo do Natal e encerra com o episódio do *Menino Jesus entre os Doutores*. É uma forma de transição para a sua “vida pública”, que se inicia apenas aos 30 anos, com o Baptismo.

No Novo Testamento, reconhecido pela tradição teológica e oficial como contendo os textos verdadeiros, os primeiros anos da vida de Jesus são quase silenciados. Dos quatro evangelistas, apenas Lucas e Mateus incluem nos seus relatos passagens relativas à infância divina, numa perspectiva mais simbólica que histórica.

Em contraponto, os evangelhos apócrifos, como o evangelho árabe da infância, desenvolvem o tema, acrescentando-lhe numerosos episódios suplementares. O próprio termo apócrifo denuncia a origem nebulosa destas narrativas, o seu carácter fantasioso, e muitas vezes poético. Jesus aparece frequentemente executando milagres, onde a travessura e a inocência se misturam ao maravilhoso, com pormenores do quotidiano de criança que brincava e sonhava como as outras crianças.

A estes textos juntaram-se, ao longo dos séculos, múltiplas lendas que vieram enriquecer os relatos sóbrios dos evangelhos, e que foram reunidos em obras como a *Legenda Dourada*, escrita por Jacques de Voragine no séc. XIII.

A infância de Jesus corresponde ao ciclo litúrgico do Natal. Os temas deste ciclo podem dividir-se nos quatro episódios narrados em passagens dos evangelhos: *a Natividade, a Apresentação do Menino no Templo, a Fuga para o Egipto e o Menino Jesus entre os Doutores*.

O Evangelho de S. Lucas (2, 7), que, embora laconicamente, relata o Nascimento de Jesus, não faz nenhuma referência à sua data. O dia 25 de Dezembro não corresponde a qualquer informação histórica, tendo sido adoptado em meados do séc. IV, coincidindo com a celebração do solstício de Inverno — *Dies natalis solis invicti* — e suas festividades pagãs.

A festa do Natal não é, portanto, apenas uma solenidade litúrgica, mas essencialmente uma festa popular e universal.





Desta forma, desde o séc. IV que o Nascimento do Menino Jesus é tema nas artes plásticas, sobretudo em relevos e pinturas murais, destinados exclusivamente a espaços religiosos. No entanto, surge pela primeira vez associado a uma réplica da gruta de Belém, no séc. VII, em Roma.

Em 1223, S. Francisco de Assis protagoniza um importante acontecimento, que assinala uma grande mudança no conceito associado a estas representações.

Com o objectivo de tornar a liturgia do Natal mais acessível e portanto mais próxima dos fiéis, criou uma encenação invulgar, transpondo do espaço religioso para a natureza — uma gruta nos bosques montanhosos de Greccio — os festejos da noite do nascimento do Menino.

Esta noite e S. Francisco marcaram, a partir de então, o início de um fenómeno extraordinário de difusão do culto da Natividade, expresso através de representações. Imitando o seu fundador, nas igrejas e conventos da Ordem espalhados por toda a Europa, os frades franciscanos foram os verdadeiros pioneiros do Presépio. A sua grande popularização, como forma de promover e valorizar o amor e a devoção ao Menino Jesus, deveu-se a S. Francisco, por isso considerado o patrono universal do Presépio.





2

A partir do séc. XIII, as representações desta temática passam a incorporar os elementos cénicos que se manterão presentes nos presépios mais tardios. São geralmente testemunhos pictóricos ou figuras talhadas em relevo, bidimensionais, estáticas, incorporadas em retábulos e acompanhadas por outras representações com cenas da vida da Virgem e do Menino Jesus.

A verdadeira história do Presépio inicia-se, contudo, no séc. XVI, quando as figuras da Noite Santa ganham autonomia, libertando-se gradualmente das paredes dos altares e retábulos. Começam a aparecer pequenos grupos de figuras de vulto, inicialmente acopladas e articuladas. Gradualmente evoluem para aquela que hoje reconhecemos como a principal característica dos presépios, a que os distingue de outras formas de representação do tema: o facto de ser modificável.





5

O presépio, um conceito que deriva do latim — *præsepium*, *estábulo* ou *præsepe*, *manjedoura* — tem tradução e culto nas regiões católicas. Este fenómeno é no entanto quase desconhecido no mundo anglo-saxónico, onde continua a utilizar-se a expressão *nativity scene*.

Os presépios portugueses parecem reflectir a toponímia do local onde são executados, sendo por isso possível definir algumas tipologias, particularmente identificáveis pelo numeroso e diversificado conjunto de figuras do povo, que constituem os planos secundários, com registos de cenas do quotidiano. De forma simplificada, podemos associar os ambientes campestres, de grutas e montes, às representações do Norte e Centro do país, e as arquitecturas urbanas em ruínas, como cenário dos presépios do Sul, particularmente das oficinas de Lisboa.

Escalonados e perspectivados, desenvolvem-se agrupando quatro núcleos fundamentais da narrativa cristã, representada em figuras de tamanho hierarquizado: a Sagrada Família e os animais, a orquestra angelical, os pastores e doadores e os Reis Magos.



8

O elemento radical é o Menino-infante que, por influência franciscana, é quase sempre representado como recém-nascido, nú, irradiando luz, sobre palhas ou em cima do véu ou manto de Nossa Senhora.

Não existem documentos escritos susceptíveis de nos esclarecer e de guiar os artistas, relativamente à aparência física de Jesus. As visões e as descrições dos profetas são contraditórias. Inicialmente caracterizado por possuir fraca aparência (*Isaías*, 53,2), Jesus é comparado a um “homem do nada”, ou a um escravo. A esta visão reagiram os cristãos helenizados, incapazes de conceber um Deus sem beleza, caracterizando-o em oposição como “a mais bela das crianças dos homens” (*Salmo* 45,3).





É, no entanto, com o dominicano S. Tomás de Aquino (1225-1274) que definitivamente se estabelece a imagem de Jesus, caracterizando a sua aparência como graciosa e majestosa. É esta a imagem que os artistas e os crentes deverão reter.

Foi a arte bizantina que forneceu ao Ocidente os protótipos de representação do Menino Jesus — *Cristo Emanuel* — e da Virgem com o Menino. Só ou acompanhando a mãe, o Menino representado pelos bizantinos apresenta-se nú.

Na arte ocidental, as primeiras imagens isoladas do Menino Jesus surgem nos conventos femininos, durante o séc. XIV. A partir do séc. XV-XVI, destacam-se as figuras do Menino com cerca de 4 ou 5 anos, despido. A nudez de Jesus surge como marca da sua humanidade, assemelhando-o aos filhos dos homens, e assumindo a sua dupla natureza, ao mesmo tempo divina e humana, principal dogma da religião cristã.







24

Se o amor ao Menino remonta a S. Francisco de Assis e aos primeiros franciscanos, a sua difusão deveu-se a uma nova iconografia surgida no âmbito da Contra-Reforma. A partir de 1600, tornam-se numerosas as representações da infância de Jesus — Menino Jesus Salvador do Mundo, Sagrada Família, Fuga para o Egipto, Adoração dos Magos, Natividade — temática por vezes antiga, mas revestida de novas formas.

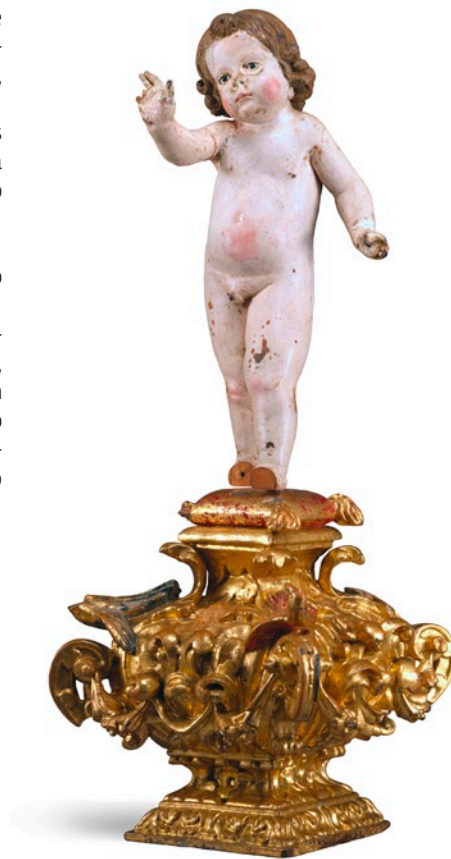
Na iconografia de Cristo distinguem-se dois ciclos de vida terrena ou histórica a que correspondem dois tipos de representações simbólicas. Nas representações históricas, a infância ocupa o primeiro ciclo, com cenas da Natividade (presépios e outros) e de episódios relatados (Sagrada Família, Fuga para o Egipto, entre outras), sendo o segundo ciclo constituído por representações da paixão e morte.

De entre as representações históricas, a mais popular desde a Renascença e aquela que mais se expandiu na arte da Contra-Reforma foi a da Trindade humana ou terrestre, mais conhecida por Trindade Jesuítica (JMJ — Jesus, Maria, José), concretizada popularmente em representações da Sagrada Família.

Nas simbólicas, a infância está presente nos dois tipos de representação, nos Menino Bom-Pastor ou Salvador do Mundo, entre outros relativos ao início da vida, e nos Meninos com os instrumentos da paixão, relativos à premonição do seu sacrifício.

Na arte ocidental, Dorothy Shorr, identifica 35 tipologias do Menino Jesus, sendo sobretudo frequente a sua representação simbólica, abençoando.

O Menino, apresentando a Sua mão direita levantada, em gesto de pregar, comumente entendido como a abençoar, com o dedo médio e o indicador juntos, segura na esquerda ora os Evangelhos, ora uma ave ou pomba, ora ainda um cacho de uvas, ou, mais frequentemente, um globo ou esfera do mundo, símbolo da sua soberania no Universo. Esta última representação tornou-se muito popular no séc. XVII, por influência das irmãs carmelitas, que criaram a “Associação do Menino Jesus”.







A arte cristã, sobretudo a da Contra-Reforma, difundiu ainda um tema que floresceu no séc. XVII — imagens do Menino com instrumentos da paixão, exprimindo a ideia de pressentimento da paixão.

O contraste entre a inocência e felicidade do Menino e o horror do sacrifício ao qual estava predestinado, emocionava os corações, levando à multiplicação de imagens com esta tipologia. Jesus criança apresenta-se em pé, segurando simplesmente uma cruz ou transportando os instrumentos da Sua Paixão, por vezes ostentando-os decorados na parte frontal da túnica que enverga.





Característico é igualmente o hábito, que se difundiu a partir dos conventos de freiras, de costurar vestes preciosas e fazer jóias e objectos de mobiliário para as figuras do Menino Jesus. Esta tradição, que surge no final do séc. XIX e se prolonga pelo séc. XX, testemunha o desejo de manter uma relação de intimidade com o Salvador, como acontecia com o *kinderwiegen*, um “jogo”, com raízes medievais, que consistia no acto de embalar figuras de Menino no berço, com o objectivo de centrar os pensamentos inteiramente na sua imagem.

Nenhuma mensagem se mantém hoje tão universalmente presente, para crentes e não crentes, como a imagem simples de um Deus feito criança, símbolo da infância dos homens e sinónimo de fé no futuro da humanidade.

Um Menino que é, na força do pensamento de Marguerite Yourcenar, “*como todos deveriam ser... uma criança esperada com amor e respeito, trazendo em si a esperança do mundo*”.

1. Anjos Músicos

Terracota
Séc. XVIII
Adquiridos pelo Museu

2. Placa de Altar - Natividade

Alabastro
1380 - 1420
Oficina de Nottingham
Doação António de Vasconcelos

3. Retábulo da Natividade

Madeira
Séc. XVI
Oficina de Antuérpia
Convento das Ursulinas

4. Cavalcada – Cortejo dos Reis Magos

Terracota
Séc. XVIII
Autor: António Ferreira
Col. Conde de Ameal

5. 6. Grupo de camponeses / Presépio

Terracota
Séc. XVIII
Adquiridos pelo Museu

7. Grupo de Pastores / Presépio

Terracota
Séc. XVIII
Fundação Ricardo Espírito Santo Silva

8. 9. 10. Menino Jesus / Presépio

Terracota
Séc. XVIII
Proveniência desconhecida (8)
Adquiridos pelo Museu (9, 10)

11. Presépio

Terracota
Séc. XVIII
Autor: António Ferreira
Adquirido pelo Museu

12. Sagrada Família / Presépio

Terracota
Séc. XVIII
Proveniência desconhecida

13. Virgem do Leite

Madeira
Séc. XVIII
Santo António dos Olivais

14. Nossa Senhora da Apresentação

Madeira
Séc. XVII
Manuel da Rocha
Adquirida pelo Museu

15. Sagrada Família

Terracota
Séc. XVIII
Fundação Ricardo Espírito Santo Silva

16. Sagrada Família – Jesus, Maria, José

Terracota
Séc. XVIII
Proveniência desconhecida

17. Fuga para o Egito

Terracota
Séc. XVIII
Convento do Lourçal

18. Menino Jesus

Madeira

Séc. XVIII

Atribuído a Manuel da Rocha

Proveniência desconhecida

19. Menino Jesus Salvador do Mundo

Madeira

Séc. XVIII

Convento de Santa Clara

20. Menino Jesus Salvador do Mundo

Madeira

Séc. XVIII

Proveniência desconhecida

21. Menino Jesus Bom-Pastor

Madeira

Séc. XVIII

Convento de Santa Clara

22. 23. 24. Menino Jesus Bom-Pastor

Marfim

Séc. XVII

Proveniência desconhecida (22)

Convento de Santa Clara (23)

Adquirido pelo Museu (24)

25. Menino Jesus com os Instrumentos da Paixão

Marfim

Séc. XVII

Proveniência desconhecida

26. Menino Jesus prefigurando a Paixão

Madeira

Séc. XVIII

Proveniência desconhecida

27. Santa Catarina de Bolonha

Madeira

Séc. XVIII

Proveniência desconhecida

28. Menino Jesus

Madeira

Séc. XVIII

Convento de Santa Clara

29. 30. Vestido e sandálias de imagem

Seda, fio de ouro, lantejoulas

Séc. XVIII

Proveniência desconhecida

31. 32. Resplendores de imagem

Prata

Séc. XVII

Proveniência desconhecida

33. Cama de imagem

Casquinha dourada / Seda e fio de prata

Séc. XVIII

Fundação Ricardo Espírito Santo Silva

34. Cadeira de imagem

Madeira

Séc. XVIII

Fundação Ricardo Espírito Santo Silva



Agradecimentos

O Museu Nacional Machado de Castro agradece a colaboração do Museu Escola de Artes Decorativas Portuguesas através da cedência de peças para esta exposição.

Um agradecimento especial a todos aqueles que, por qualquer forma, colaboraram neste projecto: Ana Bandeira, Ana Lucas, Conceição Amaral, Fernanda Alves, Maria Adelaide Marcus, Pedro Ferrão, Rui Gomes, Salette Trindade, Virgínia Gomes.

Ficha Técnica

Coordenação

Ana Alcoforado
Celeste Amaro

Concepção e textos

Ana Alcoforado

Desenho de equipamento

João Pocinho

Conservação e Restauro

Aida Pimenta
Ausinda Félix
Catarina Alarcão
Dulce Gonçalves

Fotografia

José Pessoa - DDF/IMC

Design gráfico

Rui Veríssimo

Montagem da exposição

António Ferro
Francisco Leal
João Pocinho

Carpintaria

Coord. Ricardo Pereira
Carlos Brandão
Carlos Henriques
José António Cunha
José Folhas
Paulo Cunha
Pedro Melo

Iluminação

Coord. Pedro Santos
António Carvalho
Francisco Taborda
Hugo Moura
Paulo Sebastião
Ricardo Folhas

Pintura

Fernando Matos
José Avelino
Manuel Pardal

Seguros

Lusitânia
Companhia de Seguro, SA

Segurança

Grupeme

Material gráfico

3LM

Impressão

SerSilito

Tiragem

1000 exemplares

Dep. Legal

...

ISBN

...



Apoio:



Bibliografia

AAVV, 1992

AAVV, *Inventário do Museu Nacional de Machado de Castro. Ourivesaria dos sécs. XVI e XVII*, Instituto Português de Museus, Coimbra, 1992.

AAVV, 2005

AAVV, *Museu Nacional de Machado de Castro. Roteiro*, Lisboa, 2005.

Azevedo, 2001

Carlos Moreira Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2001.

Chaves, 1925

L. Chaves, *Os Barristas Portugueses (Nas Escolas e no Povo)*, Coimbra, 1925.

Cheetham, 1984

Francis Cheetham, *English Medieval Alabasters*, Phaidon – Christie's, Oxford, 1984.

Gargano, 1997

Pietro Gargano, *O Presépio. Oito séculos de história, arte e tradição*, Replicação, Lisboa, 1997.

Jover, 1994

Manuel Jover, *Le Christ dans l'Art*, Éditions Sauret, Monaco, 1994.

Macedo, Diogo de (1945)

Macedo, Diogo de, *A Escultura portuguesa nos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, 1945.

Machado de Castro, Joaquim (1937)

Machado de Castro, Joaquim, *Dicionário de Escultura*, Inéditos de História da Arte, Livraria Coelho, Lisboa, 1937.

Mâle, 1932

Mâle, Emile, *L'Art religieux après le concile de Trente*, Paris, 1932.

Pereira, e Pereira, 1989

P. Pereira e J. Fernandes Pereira, *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*, Lisboa, 1989.

Réau, Louis (1955/1959)

Réau, Louis, *Iconographie de l'Art Chrétien*, Presses Universitaires de France, Paris, 1955-59.

Yourcenar, 1984

Yourcenar, Marguerite, *O tempo, esse grande escultor*, trad. Helena Vaz da Silva, Difel, Lisboa, 1984.